

Contribuições para a construção de um corpo de conhecimento em arquitetura: um método circunstancial e possível

Contributions to the construction of a body of knowledge in architecture: a circumstantial and possible method

Sessão Temática: O processo de projeto

ZARPELON, Larissa Francez; Doutora; Universidade Paulista

larissazarpelon@gmail.com

Resumo

Partindo da constatação da existência de lacunas no corpo de conhecimento em arquitetura, este artigo propõe reflexões sobre o *como fazer* em pesquisa de projeto arquitetura, aventando interpretações que considerem a complexidade das camadas envolvidas.

Para tanto, trata das especificidades da pesquisa em projeto e defende a elaboração de estudos de caso como método investigativo, tendo como pressuposto que toda análise é uma interpretação. Por fim, discorre sobre percursos sugeridos por alguns autores para a elaboração de estudos de caso em projeto de arquitetura e possíveis métodos para comunicá-los.

Palavras-chave (3 palavras): projeto arquitetônico; estudo de caso; método

Abstract

Based on the observation of the existence of gaps in the body of knowledge in architecture, this article proposes reflections on what to do in architectural design research, also suggesting interpretations that consider the complexity of the layers involved.

To this end, it deals with the specifics of research in architectural design and defends the development of case studies as an investigative method, based on the assumption that every analysis is an interpretation. Finally, it discusses the paths suggested by some authors for the elaboration of case studies in architectural design and possible methods to communicate them.

Keywords: architectural design; case studies; method

Este artigo¹ propõe uma reflexão sobre lacunas na construção de um corpo de conhecimento sólido em projeto de arquitetura e sobre o *como fazer* em pesquisa acadêmica em projeto, aventando interpretações que considerem a complexidade das camadas envolvidas.

A solidificação de um corpo de conhecimento em arquitetura é tema presente na obra de diversos autores, dentre os quais Foqué (2010), Waisman (2011) e Zein (2018), que chamam a atenção para um suposto distanciamento entre teoria e práxis arquitetônicas, fator responsável, segundo eles, por interromper o ciclo formado pelo fazer, pensar e transmitir conhecimento, principalmente no campo do projeto.

A arquitetura, apesar de ser das profissões mais antigas, ainda não foi capaz de estabelecer seu próprio corpo de conhecimento (entendido como sendo algo compartilhável e acessível por todas e todos, e não apenas por quem projeta e constrói uma obra); ou talvez tenha perdido a habilidade de fazê-lo (FOQUÉ, 2010).

Essa situação pode derivar de múltiplos fatores, dentre os quais a crescente ênfase, em especial a partir das vanguardas modernas, nos quesitos da variedade e unicidade, reforçando uma atitude autárquica e individualista dos arquitetos, segundo Richard Foqué (2010). O pesquisador cita o arquiteto e pesquisador Bernard Tschumi, quando este relata três grandes mudanças na formação em arquitetura: a primeira, no século XVII, quando da criação da primeira escola de arquitetura na França, em que arquitetos passaram a aprender arquitetura na escola e não mais no canteiro de obras; a segunda no século XX, durante o Movimento Moderno, com novos métodos industriais de construção, em que o arquiteto foi gradualmente perdendo o controle do processo construtivo; a terceira, como consequência dos acontecimentos de 1968, quando, na arquitetura “predominante”, os conceitos teóricos se tornam mais importantes que a pragmática, levando a uma espécie de prática teórica. Ao Movimento Moderno atribuiu, ainda, a introdução da busca incansável por inovação, originalidade e criatividade, como sendo estas as qualidades mais relevantes da arquitetura e que dependem prioritariamente do talento e vocação dos profissionais – fator que supostamente contribuiria para a criação de ambiente inóspito à documentação e, portanto, à transmissão do conhecimento em projeto de arquitetura (FOQUÉ, 2010).

Outros fatores importantes, próprios da contemporaneidade, que causam certo “ruído” na construção de conhecimento em arquitetura são o acesso e a velocidade de transmissão de informações aliados à altíssima qualidade gráfica das imagens divulgadas, fatores que podem incorrer em reducionismo na compreensão da arquitetura, por recortarem-na de seu contexto urbano, cultural, tecnológico e temporal (WAISMAN, 2011). A difusão da arquitetura fotografada, enquanto único meio de transmissão de conhecimento neste campo, além de superficial, permite a reprodução de alguns de seus efeitos visuais em outro edifício, sem que seus respectivos contextos tenham qualquer aproximação (LASSANCE, VARELLA e CAPILÉ, 2013), descartando etapas relevantes como as especificidades de cada processo do projeto

¹ Artigo resultante da tese de doutorado (ZARPELON, 2021), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ruth Verde Zein e com auxílio do MackPesquisa.

e consciência de que as tomadas de decisões envolvem também outros atores, além dos arquitetos. Segundo Waisman (2011), esta operação baseada simplesmente em imagens reduz a apreciação (e compreensão) da arquitetura a somente um dos sentidos, a visão, deixando de lado todos os outros, por não caberem em páginas impressas ou publicações na rede mundial, podendo ainda ter como consequência o empobrecimento conceitual e esquematismo construtivo (WAISMAN, 2011).

Tais questões sustentam, portanto, um distanciamento entre teoria e práxis arquitetônicas, fato que incide diretamente na construção e transmissão de conhecimento neste campo específico. Desta maneira, têm-se que o conhecimento arquitetônico existe, mas conforma um saber próprio, tácito e isolado (FOQUÉ, 2010), porquanto falha na etapa da comunicação - etapa em que deveriam ser explicitados e registrados processos, referências e tomadas de decisão, bem como sua devida documentação, de maneira a construir, divulgar e transmitir esse conhecimento.

A arquiteta, crítica e pesquisadora Ruth Verde Zein (2018, p. 22) pontua que “todo conhecimento inefável pode até ser muito valioso para quem o detém; mas, não sendo transmissível, falha na missão de ser divulgado, compartilhado, contestado e referendado”.

Faz-se necessário atentar a essas especificidades do campo arquitetônico frente a outros saberes, e conseqüentemente, a especificidade da pesquisa em arquitetura, para que sejam traçados caminhos adequados até a consolidação de um saber em projeto de arquitetura. Sobre este assunto, Richard Foqué, em seu livro *Building Knowledge in Architecture* (2010), discorre sobre algumas diferenças capitais entre os métodos de pesquisa científica, pesquisa artística e pesquisa em projeto, explicitadas nos parágrafos que se seguem. Segundo relembra o pesquisador, a investigação científica tem como objetivo estabelecer a verdade objetiva a respeito do mundo. A ciência não se interessa na tão somente descrição e quantificação da realidade, mas sobretudo explora a explicação dos fenômenos que constituem nosso mundo, buscando estar na base dos princípios e conexões entre diferentes conjuntos destes fenômenos com vistas prever e controlar comportamentos futuros e seus efeitos. Desta maneira, o método científico estrutura as descobertas em sistemas lógicos, universais e coerentes, chamados de teorias científicas. Na tradição clássica, este método está fundamentado no empirismo e no princípio cartesiano da dúvida universal.

O método de pesquisa científica, sublinha Foqué (2010), não faz sentido literal para a pesquisa artística: onde a ciência almeja encontrar a verdade, entende-se que a arte busca a beleza – algo imensurável e não passível de descrição objetiva. Em lugar de compreender, a arte propõe uma reflexão sobre a realidade, questionando-a a partir de diálogo baseado em uma experiência estética. As decisões que estão no cerne das pesquisas artísticas lidam com parâmetros não necessariamente quantificáveis e baseados na intuição; assim, as hipóteses levantadas por esta pesquisa não estão sujeitas à verificação enquanto verdadeiras ou falsas – mantendo o status de hipótese para sempre, embora possivelmente aumentando sua

plausibilidade. O valor peculiar da pesquisa em arte é definido pelo fato de que esta não apenas comenta o passado e o presente, mas delinea ou prevê um futuro possível.

Segundo aquele autor, a pesquisa em projeto (ou *design*) começaria onde a pesquisa científica terminaria. A partir de teorias já desenvolvidas e de materiais e técnicas já testados de antemão, protótipos são desenvolvidos e testados. A resposta que se busca não remete a classificar o protótipo como verdadeiro ou falso, mas sim comprovar sua aplicabilidade. Isto é, o funcionamento da proposta, em quais modos de utilização possíveis e seus efeitos, bem como se pode ser produzido em escala adequada, quais são os custos de sua realização e se existem questões éticas envolvidas. Estas são as preocupações de base nas ciências aplicadas. Ao responder positivamente ao conjunto delas, esta hipótese (protótipo) pode vir a fazer parte do mundo das criações humanas. Se não, é descartada. Várias hipóteses podem coexistir paralelamente, sem que uma anule a validade da outra.

Esses pontos levantados por Foqué (2010) buscam evidenciar como a pesquisa em ciências aplicadas se aproxima da pesquisa em projeto de arquitetura. Ainda assim, há entre elas algumas diferenças, sendo talvez a mais relevante o fato de que o processo de teste da “hipótese arquitetônica” não ser passível de repetição – já que, para que seja replicável, todas as condições do teste devem ser mantidas. O que na prática é impossível, pois cada situação lida com fatores físicos e não físicos distintos, como a permanência do objeto (arquitetônico) no tempo, seu espaço adjacente e os modos da apropriação humana sobre ele, estando tanto o edifício quanto seu entorno e uso em constante devir (WAISMAN, 2011). Tanto o projeto quanto a obra arquitetônica são, portanto, hipóteses cientificamente não replicáveis, pois as condições que os envolvem não permanecem as mesmas (FOQUÉ, 2010).

O entendimento do projeto arquitetônico como hipótese e a percepção da multiplicidade de fatores externos que incidem sobre a obra pronta, causando efeitos que frequentemente estão fora do alcance dos arquitetos e arquitetas autores dos projetos, descarta possíveis pretensões de transpor métodos de pesquisa e investigação derivados de outros campos para a compreensão dos fenômenos arquitetônicos, especialmente sem os devidos cuidados e ajustes.

Outro ponto relevante é a compreensão da teoria e da prática arquitetônicas como campos interrelacionados e comprometidos entre si. Sendo a arquitetura uma atividade prática e concreta, toda produção teórica sobre ela manterá uma relação mais ou menos direta com o fazer arquitetônico (WAISMAN, 2011). “A práxis fornece os objetos de reflexão; a reflexão, por sua vez, fornece os conceitos que orientarão a práxis”, afirma Waisman (2011, p. 39). Esta posição é compartilhada por Zein (2018) que chama atenção para a conexão profunda e retroalimentação entre teoria e projeto, crítica e projeto, pesquisa e projeto, entendendo que esta conexão pode transbordar no ato de projetar.

Quando a teoria é descolada da práxis, a arquitetura passa a ser mera técnica, esvaziada de pensamento, como assinala Jacques Derrida (2008). Tschumi (2008) segue na mesma linha e afirma que arquitetura se faz com desenhos e textos: é possível construir edifícios sem um

ou outro, mas não fazer arquitetura – pois nela estão presentes demandas sociais, filosóficas e culturais “que se desenvolveram ao longo dos séculos e fizeram da arquitetura uma forma de conhecimento em si e por si” (p. 174).

Toda decisão em projeto nasce em um conjunto de avaliações subjetivas, alimentadas pela acumulação dos saberes práticos, traçado a partir da ciência. Tais decisões se apoiam em um determinado sistema de valores que, por sua vez, assenta sobre teorias, mais ou menos explícitas. A pesquisa em projeto arquitetônico visa a aclarar, problematizar e fundamentar esses processos de decisões projetuais, e nesse sentido, se mostra fundamental para a construção de conhecimento em arquitetura. Se assim for, deve ser prioritariamente baseada no estudo desses processos e relações, e considerando as fortes ligações entre as diversas camadas de decisões e relativas ao contexto - todas elas complexas e não estáticas no tempo.

Ao enfatizar que não existe forma sem conteúdo, assim como não existe conteúdo sem forma, Lefebvre (2016) defende que a análise é uma atividade capaz de romper a unidade forma-conteúdo, se colocando, portanto, como uma atividade conflitante, dialética, capaz superar a forma pelo conteúdo, ou acessá-los a partir das formas.

Tal constatação é relevante para uma construção de conhecimento em projeto de arquitetura capaz de considerar suas múltiplas camadas. Entretanto, de um lado a meditação tende a dissociar as formas (e sua própria lógica) dos conteúdos ao constituir ‘essências’ absolutas, ao instituir o reinado das essências. E, por um outro lado, a prática e o empirismo tendem a constatar conteúdos, a se contentar com a constatação, a estacionar na opacidade dos diversos conteúdos, aceitos nas suas diferenças. Através da razão dialética, os conteúdos superam a forma e a forma dá acesso aos conteúdos (LEFEBVRE, 2016, p. 91).

1. Estudos de caso como método para construção de um corpo de conhecimento em arquitetura

Assim, um método possível para a construção deste corpo de conhecimento em projeto de arquitetura é a elaboração de estudos de caso críticos e referenciados (ZEIN, 2018), um método capaz de acessar conteúdos e evidenciar formas. Sendo a arquitetura uma profissão pragmática, este método propõe reflexões sobre as obras a partir de instrumentos inerentes à profissão, como imagens, croquis, maquetes volumétricas, diagramas, sem dispensar elementos textuais (ZEIN, 2018). Os estudos de caso também são importantes para a construção de um repertório sobre obras que, ao ser invocadas, possam iluminar o cenário criativo em que se desenvolve nosso projeto; seja nos advertindo quanto a eventuais escolhas, seja nos abrindo a possibilidades preferenciais que ativem e/ou contrabalanceiem momentos críticos desse processo criativo (ZEIN, 2018, p. 18).

Foqué (2010) relembra que outras profissões pragmáticas, como medicina, direito e administração, conseguiram desenvolver consistente corpo de conhecimento experimental através de pesquisa baseada em estudos de caso, conformando uma base científica sólida e

com reconhecimento acadêmico que tem, simultaneamente, papel fundamental para o aperfeiçoamento das práticas.

Tendo em mente que o projeto arquitetônico é uma hipótese que responde a um determinado contexto (temporal, social, cultural, tecnológico e ideológico), se apresenta a questão da busca por um método eficaz para investigação e construção de conhecimento em projetos de arquitetura e urbanismo a partir dos estudos de caso.

A compreensão de que múltiplos fatores contextuais incidem sobre o projeto de arquitetura pode limitar o estudo de caso à análise de tais fatores, em detrimento do estudo da arquitetura em si. Por isso, Zein (2018) defende a importância de se manter no campo dos saberes essencialmente arquitetônicos ao realizar estudos de caso, utilizando disciplinas transversais somente quando for necessário – e não o contrário, pois, como pontua a pesquisadora, a arquitetura não é meramente uma resposta a fatores geográficos, sociais, econômicos, políticos etc., embora com eles estabeleça laço profundo.

Ainda sobre a contaminação do saber arquitetônico por outras disciplinas, Waisman (2011) atribui à crise do movimento moderno o surgimento de uma multiplicidade de ideologias com consequente abertura a conhecimentos de diversos outros campos com tal força que a teoria arquitetônica foi sendo paulatinamente substituída por outras teorias disciplinares, perdendo a nitidez e até mesmo a especificidade. No campo da arquitetura e urbanismo, não houve teoria que substituísse a modernista com a mesma força. Como oposição, renasce um novo racionalismo com pretensões de voltar a “essência” da arquitetura. Esta busca, segundo Waisman (2011), encontra lugar na ideia de tipos, os quais se aproximam de modelos científicos por buscar esclarecer e simplificar ideias para que seu estudo seja feito possível, ao mesmo tempo que em um paralelismo com a ideia de estilo e estrutura, porquanto estes três conceitos põem foco na relação entre os elementos e seu desenvolvimento histórico. O tipo, portanto, pode ser útil se empregado como demonstração de um sistema de relações e ao mesmo tempo um produto histórico, devendo, portanto, “aceitar transformações que o mantenham em vigor frente às exigências de cada circunstância histórica e, a cada vez, deve carregar-se de novos significados” (WAISMAN, 2011, p. 105).

Josep Maria Montaner (2017) defende como essencial a interpretação da realidade a partir de diversas camadas e complexidades envolvidas no projeto, ao também chamar atenção para uma nova relação entre teoria e práxis:

E o fato é que hoje, mais do que teorias, precisamos de pragmáticas, como esses sistemas de avaliação ou compilações de boas práticas a partir de critérios de qualidade urbana, sociais, de tecnologias adequadas, de uso sustentável dos recursos (...) que se ajustem gradualmente a cada realidade social, tecnológica e normativa, e que possam se atualizar e aclimatar (MONTANER, 2017, p. 110).

2. Possibilidades para elaboração e comunicação de estudos de caso

Este artigo lançou mão da obra de alguns autores que se debruçaram sobre investigação de métodos para a realização de pesquisa em arquitetura, mais especificamente projeto arquitetônico, utilizando o estudo de caso como uma ferramenta capaz de aproximar teoria e prática. Além da contribuição na definição de possibilidades analíticas, tais autores também contribuem na formação de bases para formas de comunicar as pesquisas em projeto.

Como exemplo, será aqui exposto o percurso proposto por Foqué (2010) para a realização de estudos de caso de arquitetura.

- Definir limites dentro dos quais os estudos das obras serão feitos
- Estabelecer quais parâmetros serão investigados
- Definir ou comunicar hipóteses que se deseja investigar
- Adotar método pertinente às hipóteses que serão investigadas
- Explanar objetivos do estudo
- Comunicar resultados esperados

Definidos os objetivos da pesquisa e as hipóteses que foram investigadas, passa-se ao método PCP (produto, contexto, processo), também proposto por Foqué (2010), que se mostrou relevante a esta tese por abordar múltiplas camadas do projeto. O método PCP, quando utilizado para a análise de edifícios, consiste em:

- Produto: descrever o edifício a partir de diversos aspectos, em vários níveis. Em todos eles, a descrição deve ser coerente e compreensível. Em cada nível, devem ser desenhadas conclusões e relações. Interfaces entre elas devem ser descobertas, comentadas e discutidas. Sugere-se que o objeto de estudo seja analisado enquanto parte de um sistema ambiental, assim como de sua relevância no tecido e paisagem urbanos
- Contexto: descrever o contexto ambiental, sociocultural e histórico e questões referentes ao contexto legal, econômico e financeiro que se apresentarem como pertinentes
- Processo: inserir a narrativa dos autores do projeto, clientes, contratantes sobre o processo de projeto, tendo consciência que estas histórias podem ter sido “coloridas” ao longo do tempo. A narrativa dos envolvidos não têm mais peso e nem invalida as outras análises

O método PCP não constitui por si só o estudo de caso, mas a este é somada a análise ACUU-A (Arquiteta/ o – Cliente – Usuária/ o – Autoridades), que consiste em evidenciar o papel que cada um desses agentes teve no processo de projeto.

Tão importante quanto a realização das pesquisas sobre os casos a serem estudados, é a sua comunicação, que pode se dar de diversas maneiras, dentre as quais: textos, desenhos técnicos, vídeos, ilustrações, gráficos, tabelas e diagramas. Estes últimos, em particular, por

serem ícones que tornam inteligíveis as relações, sobretudo espaciais, entre as partes que constituem o objeto de análise (PIERCE *apud* MONTANER, 2017) mostram-se como instrumentos interessantes por possibilitarem aproximações às obras a partir de uma ótica relacional.

Os diagramas, como sistemas abertos, polissêmicos, plurais, antiestático e evolutivos por natureza, podem revelar relações inesperadas e imprevisíveis (MONTANER, 2017) – o que os pós-estruturalistas franceses chamaram de “agenciamentos”. Conforme pontua Montaner (2017, p. 12), “em tempos de mudanças são necessários instrumentos de projeto abertos e versáteis, não fechados e limitados por um mundo de formas e estruturas”. Assim, os diagramas são ao mesmo tempo comunicação de resultados e método de estudo, não tendo pretensão de atingir, em uma análise, o puro objeto em si (ZEIN, 2018), mas sim evidenciar algumas de suas relações e interpretações.

Em arquitetura, os diagramas são úteis quando utilizados como instrumento de documentação do processo de análise em camadas, que abarcam aspectos formais, inserção no contexto urbano, uso e propriedade – tornando explícitas importantes constatações sobre a obra ou o conjunto das obras estudadas.

3. Conclusão: uma base metodológica circunstancial e possível

As reflexões aqui propostas foram pautadas pela urgência da consolidação de um corpo de conhecimento específico, transmissível e útil em arquitetura.

De acordo com a base metodológica traçada e amparada nas pesquisas aqui comentadas, não há alguma pretensão de testagem de obras enquanto verdadeiras ou falsas, ou mesmo pretensões de isolar soluções a serem replicadas acriticamente.

Aspectos como interpretações e reflexões pessoais, suposto talento ou genialidade das autoras e autores das obras, ainda que eventualmente existam e possam incidir decisivamente sobre o projeto, ficam de fora das camadas que compõem os estudos de caso por serem aspectos de caráter subjetivo ou não claramente explicitados e mensuráveis.

Assim, defende-se que o estudo das obras seja feito a partir da suposição de que relevantes camadas de significados podem ser extraídas da análise crítica das próprias obras e a partir de seu reconhecimento urbano.

Um processo de estudo das obras que utilize ferramentas de caráter descritivo, gráfico e diagramático, pode permitir algumas interpretações, aproximações e distanciamentos. Trata-se de uma tentativa de compreender melhor essas obras em seus contextos, documentando o percurso de análises, transmitindo-as à comunidade acadêmica e extra-acadêmica; possivelmente, possibilitando e encorajando distintas formas de apropriação intelectual destas obras, ou de outras, de maneira a constituir uma contribuição para a construção de conhecimento em projeto de arquitetura.

Referências:

- DERRIDA, Jacques. Uma arquitetura onde o desejo pode morar. *In*: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura – Antologia teórica 1965 – 1995**. São Paulo, Cosac Naify, 2ª ed. rev., 2008, p. 166.
- FOQUÉ, R. Building knowledge in architecture. Antuérpia: ASP, 2010.
- LASSANCE, G; VARELLA, P; CAPILLÉ C. **Rio Metropolitano: guia para uma arquitetura**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo, Centauro Editora, 2016.
- MONTANER, Josep Maria. Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação. Gustavo Gili: São Paulo, 2017.
- TSCHUMI, Bernard. Arquitetura e limites I. *In*: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura – Antologia teórica 1965 – 1995**. São Paulo, Cosac Naify, 2ª ed. rev., 2008, p. 173.
- WAISMAN, M. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ZARPELON, L. F. **Intenções de diálogo entre arquitetura e cidade: uma aproximação às obras do Prêmio Salmons**. Tese de doutoramento em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2021.
- ZEIN, R. V. Há que se ir às coisas. *In*: **Leituras críticas**. São Paulo/ Austin, Romano Guerra Editora/ Nhamerica Platform, 2018.